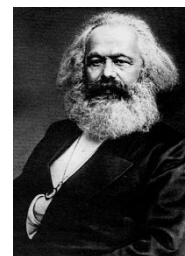


Karl Heinrich Marx

1818 – 1883



Escola: ricardiana, marxista

Principais Obras: *O Capital*; Manifesto do Partido Comunista (com Engels); *Contribuição à Crítica da Economia Política*; *Grundrisse*; *A Ideologia Alemã*; *A Miséria da Filosofia*; *Economic and Philosophic Manuscripts of 1844*.

Vida: Marx nasceu em Trier na Prússia, em uma família de judeus convertidos ao cristianismo. Estudou direito em Bonn e depois se transferiu para Berlim. Doutorou-se na Universidade de Jena, não conseguindo no entanto um posto universitário. Seguiu então carreira jornalística na Alemanha, onde sofreu censura, Paris, de onde foi expulso por pressão do governo da Prússia e Bruxelas, até finalmente se instalar em Londres, onde pode se dedicar a construção de seu sistema na Biblioteca Nacional. Casou-se em 1843 com Jenny von Westphalen, com quem teve 6 filhos, sendo que apenas 2 filhas sobreviveram ao pai. Em Londres viveu na pobreza, contribuindo como correspondente de um jornal americano e de pensão de seu amigo Friedrich Engels, que se tornara parceiro intelectual desde que se conheceram em Paris.

Principais Idéias: a obra de Marx não se limita à teoria econômica pura, mas compõe um quadro abrangente que inclui, além de economia, teorias filosóficas, históricas, políticas e sociológicas. Grosso modo, a obra de Marx reúne elementos da filosofia idealista alemã, em especial as idéias de Hegel, com as teorias econômicas dos clássicos ingleses, em especial as de Ricardo, além das teorias políticas francesas. O sistema teórico resultante da conjunção desses elementos tem o ambicioso objetivo de explicar o funcionamento e evolução das sociedades como um todo, desvendando leis deterministas do progresso histórico rumo ao socialismo desejado pelo autor. Esse sistema, apesar de todos os seus problemas teóricos, exerceu enorme fascínio tanto no pensamento das demais ciências sociais quanto na esfera política. O marxismo constitui o exemplo mais impressionante da influência das idéias no curso da história. Nos limitaremos a expor os principais elementos do sistema teórico de Marx. Iniciaremos a exposição com as idéias hegelianas de Marx, seguidas dos elementos ricardianos do sistema.

De Hegel, Marx extrai sua filosofia da história, sua metodologia historicista e toda a fraseologia típica do hegelianismo. Para Hegel, a realidade não deve ser compreendida como um estado, mas como o fluir de um processo histórico que é determinado por leis específicas. Nessa linha, Marx critica os economistas clássicos por tomar os fenômenos do mercado e as instituições como dadas, derivando leis econômicas universais, imutáveis, válidas em qualquer época ou lugar. Marx, adepto do historicismo hegeliano, despreza essas leis transitórias, buscando as verdadeiras leis nos mecanismos que determinam o desenrolar da história. O futuro estaria determinado por essas leis.

A chave para compreender a marcha do progresso histórico e econômico seriam encontrados na dialética de Hegel. Para este, o desenvolvimento das idéias e da história é caracterizada por elementos conflitantes entre si. Esse conflito é a fonte da mudança. O processo dialético é composto de três fases. O estado inicial é chamado de *tese*. A tese provoca uma reação dos elementos opostos ou contraditórios a mesma, que constituem a *antítese*. O conflito entre tese e antítese geram uma nova situação, chamada *síntese*, que reúne elementos modificados das duas fases anteriores. A síntese, por sua vez, contém elementos contraditórios que gerarão uma antítese e assim o processo dialético se repete. A tese é composta de elementos conflitantes entre si, que não se encaixam em um todo harmônico. Diz-se então que há alienação entre os elementos. Quando tais elementos não forem mais conflitantes, quanto houver coerência e autoconhecimento, a alienação desaparece e o processo dialético se interrompe. Para Hegel, isso seria atingido com sua própria filosofia e como o governo prussiano da época. Enquanto houver alienação, os seres humanos estão à mercê dos processos históricos, que se desenrolam independentemente da vontade dos homens. Apenas quando cessar o conflito o homem livre de alienação terá condições de tomar as rédeas dos acontecimentos. Este estado final de desenvolvimento ocorrerá quando a humanidade se livrar do individualismo e se compor como um todo orgânico, com os indivíduos submetidos aos interesses coletivos, representados pela ação do estado.

Esses elementos da filosofia dialética hegeliana estão presentes na obra de Marx, com uma modificação. Além de Hegel, Marx foi influenciado por Friedrich Feuerbach, um hegeliano que explicava a surgimento das religiões através da dialética, defendendo uma visão materialista do mundo. Em Marx, o materialismo de Feuerbach se funde com a dialética de Hegel, resultando no que Marx chamou de materialismo histórico ou dialético, que é a base da explicação marxista para as leis do desenvolvimento histórico através de elementos materiais e econômicos. Na base dessa explicação estão as “forças produtivas materiais” ou “modos de produção”, compostos essencialmente pela tecnologia do período e pelos fatores de produção (terra, capital, trabalho) que são combinados de formas específicas no processo produtivo. A divisão do trabalho se comporta segundo as necessidades ditadas pelas forças produtivas. Com o surgimento das máquinas modernas, não faz sentido cada trabalhador operar sua própria máquina, como um agricultor que possui suas próprias enxadas e pás. Os trabalhadores vendem sua “força de trabalho” aos capitalistas, que os empregam juntamente com máquinas e insumos no processo produtivo. Os indivíduos estão definidos pelos seus papéis econômicos dentro da estrutura do processo produtivo, se agrupando em classes sociais, como os trabalhadores, os capitalistas e os proprietários de terra. Marx se concentra nas duas classes que seriam relevantes ao estudo da fase histórica denominada capitalismo: burguesia e proletariado. O proletário, devido a divisão do trabalho, é alienado do processo de produção como um todo, conhecendo apenas a parte específica a qual se dedica como trabalhador. O processo de produção total “deixa de estar sob seu controle e se opõe a ele como um poder autônomo”. A alienação do trabalhador será acompanhada da sua exploração, que gera as condições dialéticas para o conflito de classes e a revolução socialista, que poria fim a alienação, a exploração e ao conflito social, em uma sociedade sem classes.

As forças materiais de produção determinam as “relações sociais de produção”, que consistem nos direitos de propriedade e instituições que regulam as relações entre classes, como o sistema de salários. As forças materiais e as relações sociais de produção constituem a “estrutura econômica da sociedade”. Essa estrutura, como o leitor pode perceber, tem origem material, a tecnologia de produção dita as demais características da sociedade:

Ao adquirir novas forças produtivas os homens mudam seu modo de produção, e ao mudar seu modo de produção, seu meio de ganhar a vida, eles mudam todas as suas relações sociais. O moinho nos dá uma sociedade com o senhor feudal; a máquina a vapor uma sociedade com o capitalista industrial. The Poverty of Philosophy

O materialismo de Marx afirma que essas variáveis (materiais) determinam quais são as idéias científicas, religiosas e legais existentes em uma época. Esse conjunto de crenças é chamado de “superestrutura” da sociedade. As idéias dos economistas burgueses (economistas clássicos), por exemplo, não seriam verdadeiras, pois estariam determinadas pela condição de classe dos seus autores, fazendo parte da superestrutura existente e refletindo interesses da classe burguesa.

As relações de produção se alteram, entrando em contradição com as relações de produção vigentes (como a propriedade privada). O conflito dialético toma a forma de luta de classes, que resulta em revoluções. Assim, Marx procura explicar a sucessão histórica de fases, a partir da escravatura, passando pelo mundo antigo, o feudalismo, o capitalismo e finalmente o comunismo, fase final do processo dialético, no qual todo conflito de classes desapareceria, bem como a alienação.

Visto o processo de evolução histórica através da dialética, passaremos agora a estudar as idéias econômicas de Marx que irão basear e detalhar alguns aspectos do quadro geral exposto acima. Mais especificamente, o conflito dialético de classe é explicado em termos da exploração do proletariado pela burguesia. A exploração, por sua vez, depende da teoria clássica do valor trabalho.

Marx, como os economistas britânicos, inicia sua discussão sobre o valor distinguindo entre valor de uso e valor de troca de bens materiais. Como Aristóteles e a maioria dos economistas até então, Marx acredita que uma troca entre dois bens a um dado preço relativo indica que dois bens têm o mesmo valor, um denominador comum. Esse denominador comum, a essência do valor, seria algo concreto, objetivo: a quantidade de horas de trabalho utilizada na produção de um bem. O valor dos bens, dado pela quantidade de trabalho empregado na sua fabricação seria determinado no processo produtivo, ditando os valores de troca pagos no mercado. E se, poderíamos perguntar, a produção de um bem for feita, digamos, com a mão esquerda em vez da direita, requerendo o dobro de trabalho, deveriam então

as pessoas pagar o dobro pelo produto? Marx contorna esse problema com o conceito de “trabalho socialmente necessário”, que é “a quantidade de trabalho necessária para produzir o bem sob condições normais de produção, e com o grau médio de habilidade e intensidade prevalecente no período.” Esse argumento supõe uma estrutura da produção dada, isto é, ignora a substitubilidade entre insumos, que implica na existência de infinitas formas e portanto custos de produzir algo.

Vejam agora em que a teoria da distribuição de Marx difere da de Ricardo. A quantidade total de trabalho utilizado na produção dos bens, que determina o valor desses bens, é dividida em duas partes, uma que é paga aos trabalhadores e a outra apropriada pelos capitalistas. Os trabalhadores, como mercadorias, têm o seu valor determinado pela quantidade de horas necessárias para a sua própria produção e de sua família. Ou seja, recebem o salário de subsistência, o mínimo para sobreviver. Esta é a chamada “lei férrea dos salários”, que se distingue em alguns aspectos da explicação malthusiana. Esta última valeria apenas para o capitalismo, pois, como vimos, Marx acredita que não existem leis econômicas válidas em todos os períodos. Se a lei de Malthus valesse sempre, mesmo no comunismo os trabalhadores obteriam apenas o necessário para sobreviver. Para Marx, o salário se mantém no nível de subsistência devido ao “exército de reserva de mão de obra”, ou o crescente número de pessoas desempregadas resultante do acúmulo de capital que substitui o trabalho por máquinas. Esse exército de desempregados exerce pressão competitiva para baixo nos salários daqueles que estão empregados, até o nível de subsistência.

Os trabalhadores recebem salários de subsistência, enquanto o valor da sua produção total é maior do que isso. A diferença, chamada de *mais-valia*, é apropriada pelos capitalistas. Por exemplo, se em um dia um operário trabalha 4 horas para seu próprio sustento e trabalha no total 10 horas por dia, o produto das 6 horas restantes é o montante de mais-valia. Outros fatores, por seu turno, não seria passível de exploração. O capital seria apenas “trabalho congelado”. O seu valor é dado pelas horas de trabalho necessárias para sua fabricação e não gera mais-valia.

Seguindo a distinção grega entre usos legítimos e ilegítimos do dinheiro, conforme seja utilizado como mero intermediário entre trocas ou como forma de adquirir dinheiro pelo próprio dinheiro, Marx representa o processo produtivo naquilo que denomina capitalismo através do seguinte esquema: $M - C \dots P \dots C' - M'$. O capitalista investe dinheiro (M) na aquisição de meios de produção (C) que, combinados, resultam no processo produtivo (P). Nesse processo, ocorre o surgimento da mais-valia: a produção vale mais do que se paga aos fatores. Dessa forma, o valor das mercadorias produzidas (C') resulta, através da troca, em uma quantidade de dinheiro (M') maior do que o investimento inicial, possibilitando a acumulação de capital e um novo ciclo produtivo.

O investimento inicial – ou custo de produção (k) – é composto por dois elementos, o capital constante (c) e o capital variável (v). O capital constante representa os gastos com depreciação e matérias primas. O capital variável representa os gastos com pagamento de salários. Nota-se que apenas a parte do capital que deprecia que está computado em c , e não o valor total das máquinas. Assim, $k = c+v$. Este custo de produção é menor do que o valor gerado no processo produtivo. A diferença é a mais-valia, representada por s . O valor total da produção é então representado por $c+v+s$. A taxa de mais-valia é determinada pela razão entre o montante da mais valia e o capital variável empregado s/v . A taxa de lucro, por outro lado, é calculada como a razão entre a mais-valia e o investimento inicial s/k ou $s/(c+v)$. Por fim, Marx introduz o conceito de “composição orgânica do capital, que representa a proporção entre capital fixo e variável utilizado na produção, c/v .”

Percebe-se dessas relações que se o processo de acumulação de capital prosseguir, o aumento de c causa uma diminuição da taxa de lucro na economia. A maneira de compensar isso é tentar elevar a mais-valia s , através de mais exploração do trabalhador.

O problema que mais chamou a atenção na teoria marxista do valor ficou conhecido como a “grande contradição”: dada uma taxa de mais-valia uniforme entre diferentes indústrias, espera-se que os setores mais intensivos em mão-de-obra deveriam resultar em maior taxa de lucros, o que não ocorre na prática. De fato, observa-se uma taxa de lucro uniforme no mercado, devido à ação competitiva. Os preços de mercado, dessa maneira, não refletiriam o seu valor dado pela quantidade de trabalho. Marx procurou resolver essa contradição nos volumes subsequentes do *Capital*, através do processo de transformação de valores em preços, um modelo que representa valores e preços agregados por setores.

Imagine 5 indústrias, todas elas com um investimento inicial de \$100, diferindo em relação as composições orgânicas do capital. Na indústria I, por exemplo, dos \$80 de capital fixo, \$50 são gastos em conjunção com \$20 de trabalho. Suponha uma taxa uniforme de mais-valia de 100%. Desse modo, a indústria I gera \$20 de mais-valia. O valor dos bens é dado na oitava coluna pela soma do custo com a mais-valia. A coluna seguinte mostra os lucros, inversamente proporcionais a composição orgânica. Para manter a igualdade dos lucros, Marx raciocina da seguinte forma. O lucro médio da economia (\$22) é obtido pela divisão da mais-valia total (\$110) pelo número de setores (5). Os preços são calculados pela soma dos custos de produção (c+v) com o lucro médio. Observa-se que os preços diferem do valor determinado pelo custo do trabalho. Os desvios entre os preços e valores que ocorrem em cada indústria, no entanto, anulam-se no agregado. No agregado, o trabalho seria a fonte do valor.

Bem	Capitais	Capital cte. c	Capital variável v	Comp. Orgân. o=c/v	Custo c+v	Mais-valia s	Valor c+v+s	Lucro s/k	Lucro Médio p	Preço c+v+p	Desvio p-s
A	80c 20v	50	20	2,5	70	20	90	29%	22	92	2
B	70c 30v	51	30	1,7	81	30	111	37%	22	103	-8
C	60c 40v	51	40	1,3	91	40	131	44%	22	113	-18
D	85c 15v	40	15	2,7	55	15	70	27%	22	77	7
E	95c 5v	10	5	2,0	15	5	20	33%	22	37	17
Total	500	202	110	1,8	312	110	422	110	110	422	0

Tendo visto sua teoria da exploração, podemos voltar agora a sua dialética da evolução das sociedades e as previsões que Marx deriva a partir de seu sistema, sob a forma de suas “leis de movimento” da sociedade capitalista. A lei do acúmulo do capital assevera que a taxa de lucros diminuiria ao longo do tempo. Os capitalistas, ao acumularem capital, reduzem a taxa de lucro (verifique a fórmula), piorando a sua situação. Por que então agem dessa maneira? Alguns autores marxistas procuram justificar o fenômeno notando que os investimentos em máquinas poderiam no curto prazo diminuir o tempo que o trabalhador utiliza para seu próprio sustento, possibilitando um aumento temporário da mais-valia. Marx afirma que os capitalistas seguem uma espécie de impulso acumulativo:

Acumule, acumule! Isto é Moisés e os profetas! ... Portanto, poupe, poupe, isto é, converta a maior parte possível de mais-valia ... em capital! Acumulação pela acumulação, produção pela produção.
O Capital

Em seguida, temos a lei da progressiva concentração e centralização da indústria. O acúmulo de capital levaria ao crescimento da capacidade produtiva das indústrias, que cresceriam de tamanho (concentração) a ponto de impedir a concorrência de pequenas empresas, que operariam com custo superior as grandes firmas. A concorrência levaria as pequenas firmas a falência, o que reduziria o número de firmas restantes (centralização). Restariam cada vez menos firmas, cada vez maiores e mais poderosas.

Paralelamente a redução do número dos capitalistas, a situação dos trabalhadores é cada vez pior, conforme as leis da progressiva miséria do proletariado e do crescente exército industrial de reserva. Se a situação dos trabalhadores não piorasse, não haveria motivos para a inevitabilidade da revolução socialista. Dessa forma, Marx procura garantir que isso de fato ocorra. Mas como isso pode ocorrer, se os trabalhadores estão, sob a ação da lei de ferro dos salários, sempre no nível de subsistência? O acúmulo de capital, segundo Marx, causa a substituição de trabalhadores por máquinas, criando desemprego e o exército de reserva. As novas máquinas, por requererem menos esforço, permitem a exploração do trabalho infantil e feminino. A competição dos desempregados permite o aumento da exploração através da pressão nos salários e nas condições de trabalho, como tamanho da jornada diária.

Finalmente, temos a lei das crises e depressões. Aqui Marx utiliza teses sobconsumistas em conjunto com a tendência declinante dos lucros a partir de seu modelo agregado de relação entre setores, cujos detalhes não trataremos. O sistema capitalista estaria sujeito, sob a pressão da lei da queda dos lucros, a crises cada vez mais severas, até o seu completo colapso em uma grade crise que levaria a revolução socialista. O capitalismo tem seu processo produtivo dirigido pelo caos da competição desordenada. O crescimento do desemprego barateia o trabalho, que passa a substituir as máquinas. Isto causa aumento de salários, que causa a substituição dos trabalhadores por máquinas novamente. Surge assim

inevitavelmente crises de superprodução de bens que não podem ser vendidos, pois o proletariado não pode pagar por eles.

A obra de Marx representa uma crítica a um sistema econômico que ele chamou de “capitalismo”. Todas os problemas do mundo real foram atribuídos ao funcionamento desse sistema. O desemprego, por exemplo, não pode ser explicado por intervenções estatais no mercado de trabalho, ou outra causa que pouco tem a ver com um sistema baseado em mercados livres. Todos os problemas são devidos ao funcionamento do “capitalismo”. A noção de capitalismo, bem como a de exploração e outras idéias extraídas da sociologia marxista perduram até hoje, fazendo parte do referencial intelectual da maioria das pessoas.

Falta analisarmos como Marx vê o papel do estado. Este, segundo o Manifesto Comunista, seria um mero “comitê para gerenciar os negócios de toda a burguesia. As políticas públicas e as leis, como vimos, fazem parte da superestrutura determinada pelas forças materiais produtivas. O socialismo, devido à ausência de conflitos dialéticos, veria o desaparecimento do estado, o órgão representativo do processo de exploração. É curioso notar que neste aspecto o pensamento marxista se assemelha a desconfiança liberal em relação ao estado e se afasta do próprio pensamento e prática marxista posterior, que defende o estado onipotente.

A obra do autor, crítica do capitalismo, não fornece contudo muitas dicas sobre como funcionaria na prática o socialismo. Este viria naturalmente como consequência do processo dialético. Indagar o que é o socialismo, investigando os princípios de seu funcionamento, é condenado por Marx como utopianismo. A análise científica do socialismo deve tomar a via dialética. O Manifesto Comunista, porém, contém algo com um programa a ser seguido:

1. abolição da propriedade da terra; 2. imposto de renda altamente progressivo; 3. abolição dos direitos a herança;
4. confiscação das propriedades de emigrantes e rebeldes; 5. centralização do crédito nas mãos do estado através de um banco central monopolista; 6. estatização dos meios de comunicação e transporte; 7. ampliação das empresas estatais e cultivo de terras não cultivadas sob um plano comum; 8. trabalho compulsório para todos em “exércitos industriais”, especialmente na agricultura; 9. combinação das fábricas com agricultura, abolição gradual da distinção entre cidade e campo; 10. educação grátis para todas as crianças em escolas públicas, abolição do trabalho infantil.

É uma tarefa curiosa comparar essa lista com a realidade das leis atuais e com as propostas no sentido de implementar os pontos restantes.

Marx hoje: observe como a visão de mundo atual é influenciada pelo marxismo. Note nos discursos políticos, nos artigos de jornal e nas aulas de seus professores a presença dos conceitos marxistas de exploração, classes sociais, determinismo histórico, capitalismo e assim por diante. Identifique as idéias marxistas nos discursos de partidos políticos de esquerda atuais. Finalmente, estude a história do século vinte e em especial o papel do marxismo nas revoluções russa e chinesa. Por fim, examine a lista de previsões listadas acima, derivadas de seu sistema para verificar se se materializaram ou não depois de cento e cinquenta anos. Caso não tenha ocorrido, investigue que hipóteses da teoria são responsáveis pelos erros de previsão.